

**INFORMAMOS QUE ESTA É UMA PRIMEIRA VERSÃO DO TEXTO
APROVADO PARA PUBLICAÇÃO. ESTE ARTIGO AINDA PASSARÁ PELA
FASE DE REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO.**

ID: 3236

DOI: <https://doi.org/10.30962/ecomps.3236>

Recebido em: 23/07/2025

Aceito em: 25/02/2026

Os prolegômenos para uma ciência da comunicação futura: a defesa de um invariável da comunicação

Deodato Libanio

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo: Este ensaio apresenta a proposta de Prolegômenos para uma ciência da comunicação futura. Abordamos neste texto a sua dimensão mais essencial – a defesa de um invariável da comunicação – por meio de uma discussão metafísica em uma dimensão que antecede a teoria, demonstrando como os prolegômenos podem colocar diferenças em interlocução a partir da delimitação de um invariável em comum. Como recorte, abordamos *um* dos aspectos ontológicos da comunicação, a emissão, a partir de uma interlocução entre os conceitos de sinalização ativa e gestos comunicacionais. Com isso, exaltamos as contribuições de teorias antagônicas para descrever os estratos do comunicacional.

Palavras-Chave: Prolegômenos. Metafísica da comunicação. Ontologia da comunicação.

The prolegomena to a future science of communication: the defense of an invariable of communication

Abstract: This essay presents Prolegomena's proposal for a future science of communication. In this text, we approach its most essential dimension — the defence of an invariable of communication — through a metaphysical discussion in a dimension that precedes theory, demonstrating how prolegomena can put differences into interlocution by delimiting a common invariable. As a cross-section, we approach *one* of the ontological aspects of communication, emission, from an interlocution between the concepts of active signalling and communicational gestures. In doing so, we highlight the contributions of antagonistic theories to describing the strata of communication.

Keywords: Prolegomena. Metaphysics of communication. Ontology of communication.

Los prolegómenos para una ciencia de la comunicación futura: la defensa de uno invariable de la comunicación

Resumen: Este ensayo presenta la propuesta de Prolegómenos para una ciencia de la comunicación futura. Abordamos en este trabajo su dimensión más esencial – la defensa de uno invariable de la comunicación – empezando por una discusión metafísica en una dimensión que antecede la teoría, demostrando cómo los prolegómenos pueden colocar diferencias en interlocución a partir de la delimitación de uno invariable en común. Como recorte, discutimos *uno* de los aspectos ontológicos de la comunicación, la emisión, partiendo de una interlocución entre los conceptos de señalización activa y gestos comunicacionales. Con eso, exaltamos las contribuciones de teorías antagónicas para describir los estratos de lo comunicacional.

Palabras clave: Prolegómenos. Metafísica de la comunicación. Ontología de la comunicación.

Introdução

“Communicatio est conditio sine qua non ad commercium cum alteritate constituendum; ipsa est initium existentiae” (Deodato Libanio).

O objetivo deste ensaio é apresentar a proposta de *Prolegômenos para uma ciência da comunicação futura*¹, que pode trazer contribuições à área ao viabilizar a interlocução entre diversas abordagens teóricas por meio do estabelecimento de um eixo comum, a relação com a alteridade, um invariável à comunicação.

Em um primeiro momento, podemos perguntar o que são prolegômenos e qual é a necessidade de postulá-los à área. Os prolegômenos, tal como expressa Kant na introdução de *Prolegômenos a toda a metafísica futura*, são estudos introdutórios circunscritos em um horizonte que antecede ao da teoria. Nesse sentido, eles são especificamente filosóficos, *per se*, os prolegômenos não possuem cientificidade, mas prospectam definir os fundamentos para a constituição da metafísica enquanto ciência. Inspirados por essa ideia, abordamos os fundamentos mais elementares da comunicação em uma perspectiva que precede a teórica, com o objetivo de viabilizar a interlocução entre diferentes abordagens da área, a fim de

¹ Fizemos uma alteração no título original da tese (Libanio, 2024a), porque ele estava desalinhado com a nossa proposta. Infelizmente, por questões burocráticas, não foi possível fazer a alteração na versão corrigida, mas explicamos a questão na apresentação do documento.

construir uma ciência² da comunicação autônoma. Portanto, não seria um exagero dizer que os prolegômenos podem ser considerados uma filosofia da comunicação.

A ideia de ciência da comunicação autônoma, somada à consideração da fenomenologia como horizonte teórico fundamental para tal empreitada, foi originalmente proposta por Ciro Marcondes Filho (2004; 2010; 2018). Impulsionados pelo seu projeto, propomos outro caminho teórico, metodológico, argumentativo e filosófico às questões. Iniciamos com a metafísica e não com a ontologia, sugerimos a justiça e não o *Dasein*, propomos a fenomenologia como método descritivo e não o metáporo, dentre outras diferenças. Em suma, mesmo que tributários de seus ensinamentos, propomos uma abordagem radicalmente distinta.

Em um segundo momento, podemos questionar como é possível discutir tal horizonte sem cair na metafísica ou no idealismo clássicos, em que as ideias estariam dadas de antemão, alheias ao debate, mas imperando sobre ele. Entretanto, acreditamos que se trata de uma questão de abordagem. Kant (2020), por exemplo, aponta fundamentos da metafísica que seus contemporâneos não haviam desenvolvido ou destacado, intencionando estabelecer os elementos que constituem a metafísica enquanto ciência. Para nós, o que interessa dessa ideia é a delimitação dos fundamentos que podem contribuir para a constituição de uma ciência da comunicação.

Nesse sentido, acreditamos que a descrição da dimensão concreta das relações humanas, apresentada por Emmanuel Levinas, pode dar subsídios para sustentarmos um invariável à comunicação, um eixo ético, que sustenta todas as formas de comunicação humana, a saber: *relação com a alteridade*. Tal invariável remete a uma aparição anárquica, nova, diversa, que se atualiza a cada manifestação, nos provocando de diferentes formas, possibilitando a produção de diversidade, de cultura e de acontecimentos. A partir dessa ideia, evidenciamos que se *abstrairmos retrospectivamente o fenômeno da comunicação*, refletindo sobre o que o constitui e o fundamenta, no limite do processo chegaremos à ideia de que não há comunicação sem o Outro, ele é quem viabiliza o diálogo, ele é o propulsor da comunicabilidade. Caso contrário, estaríamos encarcerados, logo no princípio, no âmbito da

² Ressaltamos que a nossa perspectiva não nega ou suprime a existência de teorias da comunicação. Pelo contrário, pretendemos fundamentar um invariável que permita a articulação entre as propostas existentes e um direcionamento descritivo fenomenológico, para que elas possam viabilizar a fundamentação de uma ciência da comunicação. Portanto, a ideia de invariável como eixo comum é viabilizar o diálogo entre as abordagens e não suprimir as diferenças que são, propriamente, vitais para a fundamentação do conhecimento. Em outros termos, a invariabilidade mostra o que é vital para a comunicação, a alteridade, sem a qual não há comunicação possível.

ipseidade, realizaríamos apenas monólogos. Por conseguinte, para existir a ideia de *ipse* e até mesmo de relação, mostra-se necessária a revelação de Outrem que exige uma abertura, um chamamento que nos convoca, provocando a emergência de uma consciência como para-Outrem que se constitui no horizonte ético como acolhimento, responsabilidade, hospitalidade, humanidade e justiça que, por sua vez, nos desperta para o mundo, para o surgimento do ego, à multiplicidade humana e à violência, fundamentando o terreno da ontologia, da consciência de si, da representação, da ciência e da epistemologia.

A ontologia, nessa perspectiva, é violenta porque coloca em comparação as diferenças, estabelece instituições, estratifica e hierarquiza. Por conta desse aspecto, o princípio da comunicação não pode começar nesse âmbito, porque a comunicação é o que viabiliza a vida humana em seus múltiplos aspectos, ela torna possível a existência em sua multiplicidade e variedade, por conseguinte, o seu início parece estar em outra dimensão, em uma instância que cuida e se responsabiliza pelo Outro. Tal horizonte é a ética, uma metafísica no sentido de filosofia primeira, radicalmente concreta, que não necessita de mediação teórica, porque descreve como Outrem vem a nós como uma revelação que nega a própria origem, uma *an-arché*, algo pré-originário. Essa circunstância apresenta uma situação que exige um acolhimento, uma abertura responsável à exterioridade que nos desperta à humanidade do humano, uma *comunicação primeira* que antecede todas as formas possíveis de comunicação que ocorrem no mundo. Essa é a situação da comunicação como substituição ou Dizer, um acolhimento na situação do face a face que não permite ressalvas, abertura absoluta que revela um superlativo, um estrato da consciência como uma passividade mais passiva que toda a passividade, demonstrando que as relações, os pensamentos e o social devêm do Outro, não do ego. Essa é a dimensão concreta do realismo filosófico, adverte Levinas (2008).

A ontologia está no plano da imanência³, que sustenta o nosso estar-no-mundo, estrato em que o eu, lançado no mundo, movimenta-se para si, violentando a alteridade no agir ao tipificar, re-presentar e objetificar. Por essa razão, a ação do *ipse* revela uma economia do Mesmo, que é o modo de ser do eu que se lança à exterioridade para capturar algo e trazer para si, por isso, a comunicação não pode começar nesse campo, caso fosse assim, seríamos mônadas isoladas.

Parece certo que estamos no mundo, nos relacionando e interagindo constantemente com os entes em geral e, por conseguinte, não seria possível no sentido factual captar ou

³ Plano em que ocorrem as nossas vivências psicofísicas.

passar por uma experiência tão radical com a alteridade, a não ser em casos muito restritos e específicos, como: a mãe que pega o filho recém-nascido no colo; uma situação de diálogo que conseguimos acolher sem ressalvas o nosso interlocutor e ajuda-lo em uma dimensão profunda; o salvamento da vida de alguém que corre riscos sem pensar duas vezes. Entretanto, mesmo nessas situações há um mundo que media a situação, então, qual é a possibilidade de termos algo tão restrito no princípio de um fenômeno tão diverso como a comunicação? A resposta está na metodologia fenomenológica de análise intencional. Se trabalharmos reflexivamente sobre o fenômeno da comunicação de uma maneira redutiva, realizando uma *epoché* aos moldes de Levinas (1986), a partir da evidência do Outro à consciência, abriremos um percurso potencial para chegarmos a um horizonte, em que se apresentam correlativamente os elementos que constituem a comunicação e, se operarmos iterativamente, passando de uma ideia à outra em um caminho retrospectivo, podemos descrever os pontos fundamentais desse fenômeno até a sua dimensão absolutamente concreta, radical, que se revela sem mediação teórica e, por isso, metafísica. Assim, chegaremos à relação face a face, à revelação do rosto.

A partir dessa metodologia, Levinas demonstra que Outrem antecede o mundo e a própria abertura, ou seja, a exterioridade é uma revelação que nos demanda acolhimento. Desse modo, a evidência da dimensão concreta nos desperta para a questão da multiplicidade do fenômeno, mostrando-nos que, apesar de sua diversidade, toda comunicação remete à situação originária de acolhimento. Em suma, esse é o movimento que apresentamos durante o trabalho, em especial no segundo tópico, para demonstrar uma possibilidade descritiva dos princípios concretos da comunicação a ponto de alcançar o seu invariável.

A partir disso, podemos questionar: como é possível sustentar uma proposta que discuta a comunicação a partir de Outrem sem ignorar a dimensão do eu, que também é necessária para contemplarmos as múltiplas formas de comunicação na ontologia? Desenvolvemos tal questão no segundo tópico, apresentando sinteticamente o projeto fenomenológico de Levinas, discutindo a fundamentação da filosofia primeira e a passagem da ética à ontologia. Entretanto, não propomos esgotar a questão, mas dar encaminhamentos possíveis dentro dos limites deste texto. Nos esforçamos para demonstrar como a comunicação está desenvolvida no projeto levinasiano e para apresentar como podemos fundamentar um invariável a partir de suas análises fenomenológicas. Portanto, as propostas de Levinas são um ponto de partida para a discussão, proposta no tópico três, sobre a potência

dos prolegômenos no debate sobre a comunicação, como um eixo comum, *uma abertura que viabiliza o diálogo entre teorias*.

Enquanto estudiosos da comunicação, também nos interessa o que devém da relação radical com o Outro, que nos remete a um infinito de possibilidades ontológicas. Quais são as formas, tipos, qualidades e variedades relacionais que englobam o fenômeno da comunicação? Em nossa proposta, sugerimos a fenomenologia como horizonte metodológico para evidenciar os estratos da comunicação, mostrando sua variedade de possibilidades e qualidades a serem descritas. A partir desses espaços temáticos distintos, mas conectados, podemos fomentar a interlocução entre teorias que seriam absolutamente antagônicas, pois cada uma delas pode trazer contribuições em determinado nível da questão. Neste texto, no tópico quatro, propomos discutir o estrato da emissão⁴ na comunicação, apresentando uma interlocução entre a sinalização ativa de Marcondes Filho e os gestos comunicativos de José Luiz Braga.

Nas considerações finais, demonstramos a potência dessa articulação ao ressaltar sua dimensão heurística, abrindo um vasto campo investigativo que nos remete não só à delimitação de *um* dos aspectos ontológicos da comunicação⁵, mas também aos outros estratos do fenômeno, assim como nos leva a enfrentar questões emergentes do contemporâneo.

Ressaltamos que não vamos fazer, no que diz respeito aos comentários sobre os autores que compõem a nossa discussão, uma descrição estritamente rigorosa, pormenorizada, trazendo as passagens no original etc. Trabalhamos na forma de ensaio, com um discurso flexível em que as citações ganham sentido no eixo de articulação, contudo, isso não quer dizer que o trabalho não seja rigoroso ou que não esteja sustentado em uma estrutura teórica.

⁴ Sabemos que se trata de um termo que traz uma herança teórica, entretanto, neste texto nos atemos ao significado de emissão como um gesto que intenciona estabelecer uma relação, ou seja, um passo inicial para a ocorrência da comunicação. Propomos uma divisão do fenômeno da comunicação em camadas, a emissão é apenas uma delas.

⁵ Enfatizamos que a emissão diz respeito a *um estrato do fenômeno da comunicação e não à comunicação como um todo*, afinal, o fenômeno é múltiplo e diverso, podemos citar, por exemplo, o extrato da intersubjetividade, da mediação, do acontecimento, da recepção informativa, da interação etc..

A comunicação como Dizer

Em seu projeto filosófico⁶, Levinas (1986, p. 10-11) propõe uma fenomenologia da ideia de Infinito, capaz de revelar uma dimensão desinteressada do pensamento, um estrato não-intencional da subjetividade, que almeja ser mais profundo do que a teleologia do ato de consciência de Husserl. Com isso, Levinas procura descrever as condições concretas em que a consciência emerge para evidenciar a sua forma humana de significação, o um-pelo-outro, que questiona a perseverança no ser. Em seu processo descritivo, ele almeja desenvolver a ideia de Infinito em profundidade não alcançada pela concepção matemática das ideias de Descartes, entretanto, o pensamento cartesiano é retomado pelo filósofo, justamente para abordar a dimensão que precede o finito, observando os vestígios de um estrato da subjetividade na relação com o Infinito. Nesse projeto, notamos contribuições à fenomenologia da consciência em sentido *lato*, no que diz respeito à descrição absolutamente concreta da subjetividade, dando sustentação à intencionalidade e aos atos de consciência⁷.

A relação com o Infinito, propiciada pela relação social por excelência, que antecede e reverbera em todas as demais formas de relação, é o acolhimento da alteridade, uma circunstância ética absolutamente concreta em que Outrem vem a nós, sem mediação teórica ou suporte ontológico. O Outro surge como uma revelação, que aparece não se sabe de onde, uma emergência anárquica que nega a sua origem (*an-archê*), que é impassível à posse, pois trata-se de uma exterioridade no sentido radical do termo. Em tal aparição, Outrem se revela como rosto que anuncia: *não matarás*. Palavra de Deus que vem à ideia, presença do Infinito em nós, exigência que não permite ressalvas, demandando uma responsabilidade ilimitada pela vida humana, porque quanto mais doamos, mais o Outro exige. Essa relação é testemunhal, adverte Levinas, uma consagração que, enquanto responsabilidade, circunscreve uma dimensão subjetiva que antecede o ato de consciência, apresentando o superlativo do pensamento, que pensa mais do que o pensamento pode pensar, ou seja, pensamento como para Outrem (Levinas, 1986, p. 11-13).

⁶ O projeto fenomenológico do filósofo, restringe-se a três obras de sua vasta bibliografia, a saber: *Totalité et infini*, *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence* e *De Dieu qui vient à l'idée* (Levinas, 2010, p. I). Para o leitor que queira avançar nessa discussão, sugerimos: (Libanio, 2024a; 2024b).

⁷ Não somos os primeiros autores da área a discutir a obra do filósofo no campo da comunicação, portanto, fazemos menção às pesquisas bibliográficas que realizamos sobre os autores da área que desenvolveram ideias a partir do pensamento levinasiano em: (Libanio, 2023; 2024a). Entretanto, ressaltamos que a nossa abordagem é *sui generis* em relação às demais.

Levinas apresenta a ética como filosofia primeira, um campo de revelação da exterioridade que antecede o estar-no-mundo e o ser-no-mundo. Em outros termos, trata-se de uma metafísica, no sentido de uma dimensão em que as relações humanas ocorrem de modo absolutamente concreto⁸, sem mediação teórica. O âmbito metafísico não é teórico e os termos usados pelo autor para descrevê-lo não são conceitos, trata-se da apresentação de uma descrição fenomenológica da situação em que emerge o pensamento na sua dimensão mais inicial, evidenciando os elementos que compõem a situação, como a sua temporalidade e o seu movimento. A partir da evidência temática de Outro humano à subjetividade⁹, o filósofo inicia o processo descritivo de todo o percurso em que relação humana se dá, de modo retrospectivo, apresentando-a em sua situação absolutamente concreta, evidenciando as dimensões mais radicais da humanidade do humano e como a transcendência¹⁰ ocorre na revelação do rosto de Outrem, posteriormente, por um caminho prospectivo ela avança à convivência cidadã e descreve as condições da multiplicidade humana (Levinas, 1986, p. 250-253). Portanto, a proposta remete a uma concepção de metafísica absolutamente distinta das noções clássicas da tradição ocidental.

O filósofo almeja descrever o despertar do “psiquismo verdadeiramente humano”, que emerge na revelação do rosto e se desdobra na responsabilidade que nos encaminha a “sua última motivação”, o “direito de ser”. Com isso, ele demonstra como a relação concreta com a exterioridade vai à ontologia e como esse movimento é mediado pela justiça, no sentido de reverberação da humanidade do humano no direito de ser de cada cidadão (Levinas, 1986, p. 254, tradução nossa). O direito de ser, refere-se ao asseguramento legal e institucional da individualidade pela equidade da justiça, uma garantia da vida humana no mundo, que remete à dimensão ética da responsabilidade, à relação social por excelência, que fundamenta não só

⁸ Levinas reforça esse superlativo, pois pretende evidenciar que Husserl, ao retomar o horizonte ingênuo do olhar para resgatar a concretude da evidência subjetiva do dado, livre de pressupostos *a priori* e da volatilidade psicofísica, não teria alcançado o limite da questão, pois ainda haveria uma situação mais radical em que a subjetividade emerge não como para si, mas para Outrem, por consequência, não apenas concreta, mas absolutamente concreta.

⁹ Caso o leitor se interesse pelo tema, indicamos (Libanio, 2024a; 2024b). Em nosso projeto de pós-doutoramento pesquisamos a proposta de Levinas ao problema da *Quinta Meditação* husserliana. Tal meditação foi objeto de estudo de vários autores e diversas respostas foram elaboradas à questão, por exemplo, podemos citar Heidegger, Merleau-Ponty, Habermas e Luhmann. Em suma, tal problema diz respeito à evidência do Outro à consciência que, para Husserl, apresenta-se como um *alter ego* que possui características semelhantes e compartilha um mundo comum, abrindo espaço para a possibilidade da intersubjetividade e, em última instância, para a universalização do conhecimento.

¹⁰ Nessa passagem, a transcendência se refere ao movimento que nos leva ao para-além do ser, o contato com o Infinito em uma dimensão ética, que antecede a ontologia.

a subjetividade, mas toda a vida humana no mundo, porque dá sentido aos seus laços comunitários (Levinas, 1986, p. 256-257)¹¹¹².

O que possibilita a passagem da relação ética à ontologia é a justiça, que emerge na revelação do terceiro, o Outro de Outrem, uma presença que se soma à revelação do rosto e nos traz um problema: devemos ser responsáveis para com este (Outro) ou para com aquele (terceiro)? Essa é a primeira evidência da consciência como para si (ego). Nessa situação, temos um ato de consciência que se evidencia como comparação dos incomparáveis, afinal, Outrem e terceiro são individualidades distintas. O terceiro, em nossa perspectiva, leva ao problema da pluralidade humana no mundo, porque não nos relacionamos apenas face a face, temos uma complexidade social que envolve nossas vidas, que a cada relação nos desperta à reflexão sobre a justiça.

Levinas nos convoca a pensar sobre o mundo e a sociedade sem deixar de lado a humanidade do humano¹³. Para o autor, o problema da tradição ocidental foi tomar como ponto de partida o mundo ou os atos de consciência, renegando toda dimensão ética que sustenta tais composições, que são as circunstâncias em que ocorre a relação social por excelência, a comunicação como Dizer, que reverbera em todas as formas da vida humana e, consequentemente, em todas as formas de comunicação.

A “comunicação” por excelência, o Dizer, é a “condição de toda comunicação” (Levinas, 2008, p. 82), pois no limite concreto da questão, toda comunicação diz respeito à relação com a alteridade. O Dizer é descrito como transcendência, um para-além do ser irredutível à manifestação da verdade, porque não é concebido pela instância intencional do

¹¹ Todas as traduções feitas neste trabalho são de nossa autoria e responsabilidade.

¹² É importante lembrar que Levinas está criticando o percurso teleológico do ato de consciência de Husserl, que invariavelmente nos leva à fundamentação do conhecimento. Nessa leitura, Husserl nunca teria abandonado o projeto cartesiano de fundamentação da filosofia como unidade universal das ciências por meio da razão. Para reforçar a perspectiva de Levinas, podemos mencionar, por exemplo, as conclusões das *Conferências de Paris*. Porém, essa crítica de Levinas é questionável, pois existem espectros da proposta de Husserl que não se direcionam à fundamentação do conhecimento, como a discussão sobre a temporalidade e a fenomenologia genética. Por ser contrária ao movimento husserliano, a proposta levinasiana parte da relação face a face, porém sem a pretensão de fundamentar o conhecimento em geral, mas de mostrar as condições da multiplicidade humana em suas diversas manifestações. Levinas não almeja encontrar a essência do conhecimento, mas o sentido do humano. A pretensão de absorver uma das manifestações possíveis da multiplicidade humana, a produção do conhecimento em comunicação, evidenciando uma via aberta por Levinas, é de nossa responsabilidade. Portanto, neste trabalho tentamos demonstrar que o conhecimento está, em sua raiz, vinculado à circunstância metafísica da ética, demandando um processo descritivo da fundamentação de um invariável à área, para que seja possível apresentar etapas que podem sustentar a construção de um conhecimento válido sobre a comunicação, em outros termos, propomos fundar o conhecimento sobre a comunicação a partir da filosofia por meio do estabelecimento de um invariável e de um conceito geral do objeto da comunicação, em seu sentido geral e dedutivo.

¹³ Para um aprofundamento sobre a crítica de Levinas à tradição ocidental e, em especial, ao humanismo, indicamos o argumento inicial de *Autrement qu'être* e a obra *Humanisme de l'autre homme*.

ego, que compartilha ou transmite algo para outro ego. A transcendência mostra uma situação de acolhimento da exterioridade em que o Infinito ressoa em nós, em uma dimensão de passividade superlativa, mais passiva que toda passividade, por isso, o Dizer não remete ao ato, à apreensão ou ao uso da linguagem, pois está em uma instância mais ancestral. Em outros termos, o Dizer não pode ser apresentado como uma mensagem composta por signos que representam algo com uma dada intenção, pois o seu significado é o um-pelo-outro, uma “não-indiferença à Outrem” que nos desperta para o acolhimento sem ressalvas da alteridade¹⁴. Em síntese, a responsabilidade não pode ser reduzida à “modalidade do conhecimento” ou à “circulação de informação”, porque ambas supõem uma relação prévia com a alteridade (Levinas, 2008, p. 82).

A revelação do rosto, o Dizer, é descrito como um movimento de *anunciação* da palavra: *não matarás*. Entretanto, o responsável que é interpelado pela exterioridade se apresenta como um eleito, que *enuncia* à Outrem antes mesmo da *anunciação* da palavra: *eis-me aqui*. A eleição do eleito demarca o movimento da substituição, pois ele é exposto às ofensas, aos ultrajes do Outro, evidenciando-se como um refém, porque é a exterioridade que o detém, apresentando um movimento distinto da intencionalidade husserliana¹⁵.

A situação de refém evidencia o superlativo da passividade como vulnerabilidade, revelando a condição temporal da diacronia, um tempo assimétrico próprio da relação com a alteridade, que nos conduz a um caminho que não é linear ou sintético, mas nos direciona ao choque, ao novo, à ruptura, ao Acontecimento¹⁶, afinal, a relação ocorre entre instâncias diferentes e separadas. A passividade, nessa composição, mostra-se como para Outrem, substituição, uma doação no sentido de entrega responsável, infinita, bondade desmesurada ao Outro que almeja o Bem e, portanto, transcendência (Levinas, 2008, p. 83-85).

Ressaltamos a assimetria temporal e relacional da relação ética, porque os movimentos para o Outro e do Outro a nós não têm o mesmo sentido. Essa descrição é importante porque Levinas entende que a ideia de produção de sentido em comum, viabilizada pela “circulação de informações”, mostra que “o sentido é indiferente” ao Outro, pois se trata de uma síntese que emerge de individualidades distintas, que negligenciam suas diferenças para a produção de algo homogêneo (Levinas, 2008, p. 188). Isso não quer dizer que Levinas seja contra a

¹⁴ Nesse ponto da descrição levinasiana, chegamos ao sentido do humano: a não-indiferença à Outrem.

¹⁵ No sentido de que o movimento intencional, na interpretação de Levinas, captura a exterioridade e a traz para si, representando-a.

¹⁶ Enfatizamos a diferença na grafia entre Acontecimento e acontecimento, que remetem à dimensão da ética e da ontologia, respectivamente.

ideia de sentido em comum ou circulação de informações, mas torna visível que a sua proposta descreve algo que está em outra instância e que não pode ser confundido com tais abordagens.

A partir de Levinas, sugerimos que a comunicação não pode ser inicialmente fundamentada na ontologia, porque não existe comunicação sem o acolhimento do Outro. Ela é “precisamente impossível” se for delimitada pelo “Eu” como “sujeito livre”, que trata toda a diferença como uma ameaça a ser superada e confrontada, despertando toda a comunicação para o conflito e para a violência. A comunicação “é uma abertura”, entretanto, essa abertura não será integral caso ela almeje o ser¹⁷, o “reconhecimento”, a reciprocidade ou algo em comum. Em suma, a abertura só é integral na “responsabilidade” por Outrem, na interpelação da palavra que nos exige, nos torna reféns, na “substituição” evidenciada no movimento “*pelo outro da revelação*” (Levinas, 2008, p. 189, tradução nossa). Portanto, a comunicação não pode nos remeter de modo invariável ao “problema da verdade desta comunicação”, caso vá para essa direção, ela nos encarcerará na “coincidência do eu consigo mesmo”, impedindo ou negligenciamento a abertura à Outrem, como se no ego estivesse o “último segredo da comunicação”, como se a “verdade fosse apenas desvelamento” e não houvesse a possibilidade de revelação e transcendência (Levinas, 2008, p. 189-190, tradução nossa).

A comunicação como abertura ao Outro parte de uma incerteza, porque o responsável é não-indiferente à vida do Outro que surge de modo anárquico (Levinas, 2008, p. 189-191). A descrição de tal relação demanda uma “linguagem ética”, utilizada por Levinas como recurso para demonstrar o limite da linguagem humana para expressar o Infinito, ao mesmo tempo, paradoxalmente, esse limite evidencia sua inspiração profética, a revelação que anuncia a palavra de Deus: *não matarás*. Nessa operação descritiva, Levinas aponta que a responsabilidade não pode ser “compreendida a partir da ética”, se essa fosse a abordagem, estaríamos apresentando uma filosofia enquanto sistema, e não é disso que se trata. Por esses motivos que a sua opção metodológica é a descrição, pois ela permite, por meio de percursos retrospectivos e prospectivos, apresentar as circunstâncias e os elementos que compõem a subjetividade humana, alterando o eixo da fenomenologia ao migrar da tematização à aparição

¹⁷ Marcondes Filho também considera o princípio da comunicação como abertura, mas no sentido heideggeriano de abertura ao mundo, que fundamenta o *Dasein* (Libanio, 2024a, p. 76-77).

anárquica, discutindo o paradoxo da linguagem ética ao descrever algo que não é da ordem do fenômeno, mas que fundamenta o fenômeno (Levinas, 2008, p. 191-192)¹⁸.

Dada a apresentação geral do projeto levinasiano, apontamos que a potência do Dizer se encontra no cruzamento entre *anunciação* e *enunciação*, que evidencia *a relação de abertura para com a alteridade como algo inviolável em toda a comunicação*. Por outro lado, temos o ceticismo do Dizer¹⁹, que nos leva ao para-além do ser, impedindo a totalização da ontologia e dos sistemas filosóficos, porque traz consigo a refutação das estruturas, da apoditicidade absoluta do ego ou de alguma composição *ipse dixit* que o sustente, demonstrando que a ipseidade não pode ser um fundamento para si mesma. Portanto, o princípio da comunicação é anárquico²⁰, não sabemos onde se inicia e não há uma ordem lógica pré-definida para o seu Acontecimento, trata-se de uma relação singular e absolutamente concreta com a alteridade que não é mediada por pressupostos ou conceitos.

A dimensão sensível, no sentido de estética da relação, é postulada por autores da área²¹ como algo que antecede ou que está para além da racionalidade. Entretanto, para Levinas, o sensível está no âmbito da intencionalidade, porque afecções dessa natureza incidem sobre individualidades situadas no plano da imanência, constituindo-se como movimentos em direção ao para si que é posterior ao para Outrem do Dizer. Além desse aspecto, destacamos que a relação ética trata de uma positividade radical, justamente por ser um superlativo da passividade, uma ênfase da dimensão de acolhimento que não pode ser confundida com a ação. Por conseguinte, não há tensão na relação ética, no face a face concreto não há dentro e fora, positivo e negativo, mas absoluta positividade. Assim, Levinas se afasta da dialética e do idealismo em sua delimitação.

A dimensão ontológica da comunicação, o Dito, é definida por Levinas de modo amplo como relação mediada pelo inteligível, destacando a incidência da justiça em cada

¹⁸ Ressaltamos a dimensão da descrição levinasiana para que ela não seja confundida com uma elaboração conceitual. O conceito (*Begriff*), na interpretação de Levinas, remete à construção racional que demonstra um vínculo estreito entre conhecer e ser que, pelo seu modo de operar, atribui sentido à evidência, revelando a ação do pensamento enquanto adequação e, desse modo, provoca uma deturpação na forma genuína da exterioridade, impedindo-nos de acessar as circunstâncias concretas de significação (Levinas, 1986, p. 163).

¹⁹ Sim, podemos dizer que há um ceticismo, no sentido de que toda a relação com o mundo nos remete à abertura ao Outro, por meio do problema da justiça, levando ao questionamento sobre a equidade no horizonte da pluralidade humana, evidenciando um resquício da responsabilidade ética no horizonte da ontologia, da presença do infinito em nós, que impede a efetivação da totalidade, ou seja, do pensamento com pretensão de universalidade. Portanto, é um contrassenso chamar essa filosofia de ortodoxa.

²⁰ Ressaltamos que a anarquia não se refere à negação da ordem, como no sentido comum do termo, mas à negação da origem ou do elemento originário, ou seja, da *arché* (Libanio, 2024a; 2024b).

²¹ Essa discussão foi apresentada em outro espaço: (Libanio, 2024a).

evidência dessa ordem. A circunstância inicial da consciência como para si, a evidência do terceiro, reverbera nas múltiplas formas de comunicação humana, como na circulação de informação e na intersubjetividade²². Porém, o autor não vai além dessa delimitação ontológica geral da comunicação. Nesse estrato, a sua contribuição é a delimitação da justiça como elemento de mediação²³ que impede a totalização da violência, estabelecendo um limite para a comunicação, dado que o âmbito da ontologia é violento e há a necessidade da mediação da justiça para que os direitos e a vida das individualidades sejam assegurados. Portanto, notamos que pode ser profícuo desenvolver a dimensão ontológica da comunicação, levando em conta os aspectos da fundamentação ética da relação social e o problema da justiça desenvolvidos no projeto fenomenológico de Levinas.

Neste tópico, destacamos que a relação com a alteridade pode ser o invariável da comunicação, porque ela remete à responsabilidade, à revelação do novo e à abertura que permite a reverberação do estranho em nós. Quando apresentamos a relação com a alteridade como um invariável, não estamos postulando-o no sentido de objeto a ser investigado, mas de princípio anárquico que se revela na relação de acolhimento, sem o qual não há comunicação possível. A partir desse ponto, no próximo tópico, propomos uma fundamentação que antecede e, portanto, dá sentido à teoria, na forma de *prolegômenos*, com o objetivo de impulsionar a interlocução entre diferentes abordagens para que elas avancem na composição de uma ciência da comunicação.

Os Prolegômenos para uma ciência da comunicação futura

A partir da discussão sobre Levinas, colocamos como principal contribuição de sua filosofia a fundamentação metafísica da comunicação como relação com a alteridade. Nesse sentido, todas as demais formas de comunicação remetem à circunstância primeira, estritamente humana, que nos desperta à responsabilidade para com o próximo e ao problema da justiça. Dadas as infinitas condições, qualidades e circunstâncias do fenômeno *comunicação*, se a evidência for observada pelo método fenomenológico, por uma via

²² Não só na comunicação, mas também na existência humana. O objetivo de Levinas era delimitar, com o Dito, uma ontologia capaz de apresentar, descritivamente, as condições e as manifestações mais essenciais da existência humana no plano da imanência, como a linguagem, a ciência, o direito e o Estado. Por essa razão, sugerimos um percurso a partir de Levinas, encontrando no Dizer o invariável da comunicação e avançamos no que diz respeito ao Dito, apresentando dentro do horizonte da multiplicidade humana descrições possíveis sobre a comunicação, que podem contribuir com a fundamentação futura da cientificidade do fenômeno comunicativo.

²³ A justiça é um elemento mediador que garante a passagem da ética à ontologia, mostrando como o Dizer (ética) reverbera no Dito (ontologia) e as condições morais necessárias para que a ontologia não se totalize.

retrospectiva, potencialmente alcançamos de diferentes formas o mesmo radical: a relação com a alteridade.

No que diz respeito à dimensão ontológica da comunicação, ressaltamos a contribuição de Levinas ao descrever a justiça como mediação entre a ética e a ontologia, demonstrando como o para-além do ser repercute no mundo e que este não se encerra em uma totalidade²⁴. Nesse sentido, toda relação comunicativa remete ao Dizer, entretanto, tal referência já se enquadra em uma situação de comparação, evidenciando a presença imperativa da justiça em cada ação comunicativa, configurando a dimensão moral da comunicação que demanda equilíbrio, de modo que a totalização da violência da comunicação, a homogeneização do discurso pelo apagamento das diferenças, possa ser impedida.

A dimensão ontológica da comunicação, apresentada por Levinas como circulação de informação e intersubjetividade, revela um horizonte possível de pesquisa. Com essa abertura, o seu projeto nos desafia a avançar sobre a multiplicidade relacional que ocorre no mundo, com infinitas práticas interativas, formas de mediação, diversidade cultural e individual. Em nossa perspectiva, tal empreendimento é tarefa do comunicólogo, que pode investigar a comunicação como um fenômeno que possui vários estratos, que remetem aos seus distintos modos de efetivação no mundo.

Sugerimos essa empreitada como uma fenomenologia da comunicação. Inspirados pela interpretação de Levinas (1986) da metodologia husserliana²⁵, a análise intencional parte

²⁴ Para um maior aprofundamento, recomendamos a leitura dos capítulos V e VI de *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence* (Levinas, 2008) e dos capítulos *La mauvaise conscience et l'inexorable* e *Façon de Parler* (Levinas, 1986). Para Levinas, o movimento que caracteriza a imanência é a captura (*saisir*), uma detenção de um agora (*main-tenant*) que torna algo re-presentado na consciência que, ao ser mediado por uma metodologia adequada, pode nos levar à essência como algo já constituído *a priori*. Nessa circunstância, que caracteriza a fenomenologia transcendental de Husserl, por exemplo, haveria um movimento circular entre mundo, ego e essência, compondo uma totalidade que evidenciaria uma conexão profunda entre conhecer e ser. Levinas pretende romper com esse movimento por meio da abertura ao para-além do ser, permitindo uma via de pensamento que transborda a ontologia.

²⁵ A análise intencional de Husserl, abordada na segunda meditação, é apresentada como uma elucidação da potência dos dados exteriores enquanto atualidades da consciência, ao distinguir o visado do sentido que é potencial à evidência. Essa estrutura de análise tem como princípio a ideia de que todo o *cogito*, “enquanto consciência” em sentido amplo, é a ação de visar o seu respectivo visado, porém, o que o ato visa amplia o que ele demonstra enquanto visado pela consciência (Husserl, 2013, p. 84-85). A análise intencional discute sobre o desdobramento de um dado visado pela consciência, mas isso não quer dizer que ela pretende explicar as características do percebido e sim evidenciar o que está envolto no “sentido do *cogitatum*”, ou seja, elucidar o que é visado de modo “não intuitivo” a partir de uma apresentação das “percepções potenciais” que tornam “visível o invisível”, demonstrando os horizontes de correlação ao inserir as “vivências anônimas” no eixo temático do funcionamento constitutivo do “sentido objetual do *cogitatum* correspondente” (Husserl, 2013, p. 86). Portanto, Husserl propõe uma descrição profunda dos estratos da subjetividade e dos atos de consciência, a fim

de uma evidência do fenômeno à consciência, que nos coloca em um caminho descritivo, primeiramente retrospectivo, direcionando-nos aos fundamentos de cada estrato da questão até a sua revelação em uma circunstância absolutamente concreta, sem ter a necessidade de apostar em: uma via transcendental, uma teleologia do ato de consciência e uma revelação eidética de um *a priori*. A partir disso, se levarmos em consideração a descrição do Dizer e as especificações iniciais do Dito, acreditamos que a partir do problema da justiça seja possível alçar um estudo descritivo prospectivo sobre os diferentes estratos do fenômeno da comunicação, com o objetivo de compor uma fundamentação ampla de seus modos de ser, delimitando o que é específico à comunicação. Portanto, a nossa tese propõe a descrição de um horizonte comunicacional²⁶ na forma de prolegômenos.

Com os prolegômenos, sugerimos um realinhamento do debate sobre as teorias da comunicação no Brasil, a partir de uma discussão que antecede à teoria, pois a sua razão é a fundamentação do próprio âmbito teórico por meio da delimitação de: *um eixo radical; uma metodologia investigativa; e de questões iniciais*. Neste texto, *investimos a nossa energia no primeiro aspecto*. Em nossa perspectiva, a discussão teórica atual do campo da comunicação no Brasil ocorre no horizonte da ontologia e, de outro modo, *a nossa proposta procura descrever os fundamentos do ontológico, as suas condições éticas e morais em um sentido regional, pois não prospectamos discutir a ontologia em geral, mas a dimensão que diz respeito à comunicação*. O nosso objetivo é estabelecer as condições para que as formulações teóricas da área possam se desenvolver de modo ainda mais pungente, por meio de interlocuções sustentadas por um eixo comum, o invariável da comunicação. Com isso, podemos avançar na estruturação da comunicação como uma ciência humana autônoma, semelhante à sociologia e à história, superando a situação atual da nossa área, designada como ciência social aplicada, conforme a especificação do CNPq²⁷. Reiteramos que estamos propondo prolegômenos, ou seja, *um estudo introdutório capaz de estabelecer as premissas mais básicas e peculiares de um saber em nível filosófico*, contribuindo para o desenvolvimento de uma ciência futura. Portanto, damos continuidade ao projeto iniciado por Marcondes Filho (2004; 2010; 2018) de estabelecer a comunicação como uma ciência

de apresentar em que circunstâncias e como ela se efetiva enquanto movimento teleológico capaz de revelar um sentido *a priori*, um potencial do dado visado pela consciência, um noema de uma noese.

²⁶ Nos preocupamos com a questão do horizonte comunicacional há alguns anos, iniciamos essa discussão em: (Libanio, 2021).

²⁷ Tabela com a divisão de áreas do conhecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível em: <lattes.cnpq.br/documents/11871/24930/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2026.

autônoma, com ontologia e epistemologia próprias, entretanto, optamos por um caminho distinto.

Os *Prolegômenos para uma ciência da comunicação futura* foram baseados na concepção de Kant da questão, estabelecida em *Prolegômenos a Toda a Metafísica Futura*, em que o filósofo postula fortes críticas à fundamentação da metafísica como ciência proposta pela tradição. A partir de suas interlocuções, ele estabelece os elementos mais fundamentais e as questões que podem orientar o espírito na estruturação de toda a metafísica futura, que prospecte se estabelecer como ciência. Dadas as devidas distinções, alcances e proporções, a nossa proposta sugere um movimento análogo, pois discutimos os elementos basilares da comunicação para um direcionamento possível dos trabalhos da área, com o intuito de ampliar o diálogo entre as propostas, criando um solo profícuo para o desenvolvimento da ciência da comunicação. Nos próximos textos, vamos discutir o método fenomenológico aplicado à comunicação e sugerir questões fundamentais que podem ser estabelecidas no horizonte de um estudo introdutório²⁸. Neste trabalho, nos dedicamos ao aspecto da fundamentação geral da questão e, mais especificamente, à defesa do eixo radical que especifica a comunicação – a relação com a alteridade.

Em suma, a nossa tese tem o objetivo de estabelecer o que é peculiar à área, um passo que acreditamos ser fundamental para que um saber se torne autônomo. Entretanto, a delimitação da comunicação como um estudo sobre a relação com a alteridade não impede o diálogo entre as propostas da área e a interlocução do domínio com as demais ciências, pelo contrário, acreditamos que a especificidade da comunicação torna mais produtiva a relação entre perspectivas e saberes, porque o objeto de estudo do campo não é diluído ou descaracterizado no processo.

A delimitação da relação com a alteridade como um invariável não remete a um ideal fixo e rígido, mas sim ao que especifica a comunicação em um sentido radical e concreto, como o aparecimento do novo, um *Acontecimento*, uma revelação, algo inesperado, justamente porque se trata de um invariável anárquico, que aparece não sabemos de onde e que surge sempre de modo diferente, produzindo mais diversidade. Portanto, não pretendemos

²⁸ Os problemas de ordem empírica, como o possível empenho dessas ideias em questões factuais da comunicação, serão abordados no texto sobre a aplicação do método fenomenológico. Estamos trabalhando por camadas, neste trabalho abordamos um estrato metafísico da questão e sugerimos um segundo nível na delimitação do objeto da comunicação, posteriormente temos que mostrar mais camadas do fenômeno, apresentando como as teorias podem dialogar para, aí sim, indicar como a metodologia fenomenológica pode contribuir com a descrição de questões específicas e análise de dados factuais.

estabelecer uma macroteoria que consiga definir todas as formas possíveis de comunicação e como pesquisá-las com vistas à produção de conhecimento, mas propomos delimitar a fundamentação basilar e apontar estratos possíveis do fenômeno da comunicação para, a partir deles, investigar e descrever como os elementos dessas camadas se efetivam no mundo, por meio do diálogo entre distintas abordagens.

A alteridade como invariável da comunicação sugere que, no limite da questão, não existe comunicação possível sem o Outro. Além disso, ela expressa que é necessária uma abertura à Outrem para que se viabilize a relação, pois qualquer forma de contato humano, seja interativa, simbólica, mediada, dialógica etc., remete à ancestralidade do face a face, à situação absolutamente concreta e sem mediação do contato com a alteridade, que nos desperta à humanidade do humano e ao imperativo: *não matarás*. Reiteramos que essa relação radical é metafísica, ela é acessada por meio do percurso retrospectivo propiciado pelo método fenomenológico, a partir da evidência do Outro à consciência, tal como desenvolveu Levinas. Entretanto, essa metafísica não remete ao sentido clássico do termo, mas sim à anarquia (*an-arché*) ou à revelação pré-original, uma negação da origem que Levinas apresenta como ponto de distinção da genealogia, que se baseia na fundamentação de elementos originários no horizonte da história.

O que difere a nossa abordagem, comunicacional, de uma possível proposta antropológica de estudo sobre a relação com a alteridade é que esta ciência social tem como objetivo o estabelecimento do Outro como um objeto de estudo, que é escrutinado e representado por uma linguagem acadêmica. Em nosso caso, o Outro não é um objeto, mas sim o Dito. Portanto, a nossa sugestão trabalha com as derivações ontológicas da relação com a alteridade que compõem o amplo fenômeno da comunicação.

Quando expressamos que o Dizer reverbera na ontologia como Dito, estamos chamando a atenção para as questões éticas e morais que envolvem a comunicação. A função do Dizer é não permitir que o Dito se totalize, não leve à violência absoluta ou ao apagamento da alteridade, para que ele não se torne um projeto de poder ou uma ferramenta de um projeto totalitário. A totalidade, enquanto império do Mesmo, promove a maximização do movimento do ego de trazer tudo para si, ferindo a alteridade no seu cerne ao atingir o seu elemento vital, a comunicação. Nesse sentido, a negação da alteridade revela uma intenção de dominação, de totalidade, que visa diluir as diferenças para produzir massas homogêneas, levando à uniformização discursiva e à incomunicabilidade. De forma geral, toda ação que reverbera

como violência para com o Outro tende à incomunicabilidade. Entretanto, isso não quer dizer que toda teoria da comunicação ou proposta de estudo do comunicacional seja ética da comunicação, mas sim que as proposições sobre a comunicação remetem, no seu limite, à relação ética de abertura à alteridade. Portanto, alicerçados no pensamento levinasiano, argumentamos que caso uma proposta à área se inicie no Mesmo, na ipseidade, no plano da imanência, então, a violência contra a alteridade e a incomunicabilidade seriam os seus princípios fundadores²⁹.

A delimitação dessa fundamentação ética, como argumenta Levinas (2008), antecede qualquer *a priori*, pois este remete a uma categoria de nível ontológico-transcendental. Em nossa proposta, sugerimos os prolegômenos como percurso possível à investigação ontológica da comunicação. Por conseguinte, não temos o objetivo de reduzir a diversidade das abordagens da área ou fundamentar a comunicação por meio de um conhecimento *a priori* baseado em uma visão eidética, mas sim sugerir um horizonte para que as abordagens possam dialogar.

Para dar sequência à proposta, sugerimos uma articulação entre dois conceitos de autores da área com perspectivas antagônicas, José Luiz Braga e Ciro Marcondes Filho, com o objetivo de mostrar como a nossa ideia pode impulsionar as investigações sobre a comunicação no Brasil, estabelecendo a relação com a alteridade como elemento invariável da comunicação, compondo um eixo comum que viabiliza interlocuções.

O invariável como propulsor de diálogos: a interlocução entre os gestos comunicacionais e a sinalização ativa

As discussões realizadas até agora trataram de uma abordagem metafísica da comunicação e, por consequência, as discussões têm uma forma peculiar de linguagem. Neste tópico demonstramos uma virada, a passagem da metafísica para o campo ontológico da comunicação, apresentando outra forma de linguagem. O nosso intuito é demonstrar como o invariável da comunicação pode colocar em articulação dois conceitos que tocam no mesmo problema a partir de abordagens absolutamente distintas, iniciando a discussão sobre o segundo aspecto dos prolegômenos, *a metodologia*³⁰.

²⁹ Esse fator não quer dizer que o estudo sobre a incomunicabilidade não seja relevante, mas que seria paradoxal iniciar o movimento da comunicação no plano da imanência ou no para si do ego.

³⁰ Ressaltamos, mais uma vez, que vamos dedicar um texto específico ao problema da metodologia e um terceiro às questões fundamentais da área.

Neste trabalho optamos por discutir um dos estratos da comunicação, a emissão. *Isso não quer dizer que todo o fenômeno se restrinja a este aspecto*, pelo contrário, ele remete apenas ao nível pragmático da interação, que merece ser investigado assim como o campo da intersubjetividade, do diálogo, da mediação, da semiose, dentre outros que vamos abordar em textos futuros. Para tal empreitada, selecionamos os conceitos de sinalização ativa e gestos comunicacionais, de Marcondes Filho e José Luiz Braga, respectivamente, apropriados neste ensaio como formas de compreender a emissão ou o agir comunicativo. Ressaltamos que se trata de um recorte das duas propostas que será mediado pelo invariável da comunicação, portanto, a nossa descrição é específica e restrita, pois não aborda temas fundamentais de cada uma das teorias³¹.

Não vamos abordar neste texto a natureza dos projetos de cada autor, mas assinalar a distância entre eles a partir da interlocução dos conceitos elencados. Em ambos há a intenção de investigar uma questão que direciona a nossa discussão: como se inicia uma relação comunicativa? Uma questão fundamental à área. Para Marcondes Filho, o movimento inicial é a sinalização ativa e, para Braga, é o gesto comunicacional. Agora, vamos investigar como essas duas ideias podem dialogar a partir da conexão propiciada pelo invariável da comunicação.

Começamos a discussão com Braga. Em sua perspectiva, as ações e falas podem ser interpretadas como gestos comunicacionais, pois elas são um trabalho exercido pelas individualidades para participar de contextos e situações interacionais que compõem a vida humana em sociedade, exigindo uma constante tarefa de articulação em situações tensionais, tanto pela fala que interpela quanto pela escuta que acolhe, propiciando o contato, por exemplo. As ações, em sua potência, podem incidir na situação, alterando-a no sentido previsto pelo agente. Quando algo dessa natureza acontece, a prática se cristaliza, tornando-se uma ferramenta simbólica para alcançar objetivos em determinadas circunstâncias. Esses gestos fornecem caminhos possíveis para desenvolver problemas comunicacionais ou contribuir para a compreensão de suas reverberações na práxis social (Braga, 2023, p. 4-5). Portanto, o gesto comunicacional é uma ação executada em uma situação desafiadora, inscrita em certa condição social e cultural concreta, que ocorre de modo absolutamente singular com o objetivo de propiciar uma comunicação (Braga, 2023, p. 7).

³¹ Em outro trabalho, abordamos o modo com que José Luiz Braga e Ciro Marcondes Filho discutem o problema da alteridade na comunicação (Libanio, 2024a).

Em síntese, podemos dizer que Braga está interessado em estudar como as individualidades lançam mão de recursos sociais e simbólicos para atingir fins objetivos em situações tensionais, observando como essas ações podem ter potencial comunicativo e como afetam o contexto ao gerar mais diversidade. No que diz respeito aos gestos comunicacionais, podemos dizer que eles remetem à dimensão pragmática da comunicação, em que um agente procura a melhor forma possível de produzir uma emissão para chegar ao Outro e estabelecer uma interação profícua com ele, assim como esse Outro, quando escuta o agente diverso, também pode pretender. Portanto, o gesto comunicacional é tentativo, ele pode ou não ser aceito por outros agentes em um contexto específico e a sua aceitação não garante que o processo seja bem-sucedido.

De outro modo, para Marcondes Filho existir é sinalizar. Estamos no mundo emitindo sinais o tempo todo, uns de modo intencional, outros não. Os sinais emitidos sem a intenção de produzir algo revelam a existência de seres e objetos, que compõem a natureza e os contextos sociais de que fazemos parte. Um segundo tipo de sinal é o emitido por seres humanos, em suas formas de gesticular, de se portar e se expressar de modo involuntário ou inconsciente, que compõem o objeto de estudo de terapeutas e psicanalistas. Existe um terceiro tipo, que é usado para lubrificar as interações protocolares que ocorrem no cotidiano, que não geram nada novo e, em muitos casos, não dizem nada, apenas fornecem dados das outras pessoas, que podem ser utilizados para colocá-las dentro de nossas tabelas de classificação sem, de fato, conhecê-las. A quarta e última é a sinalização ativa, a mais importante para os estudiosos da comunicação, que remete aos sinais que têm a intenção de mexer com o Outro, ou seja, trata-se de uma emissão que deseja iniciar um vínculo com uma alteridade que, talvez, pode mudar o seu estado e modo de pensar após a relação (Marcondes Filho, 2018, p. 87).

A emissão está por toda parte, afinal, uma multiplicidade de seres existe e se manifesta. No que diz respeito aos humanos, eles vivem em sociedade e dão opiniões, se informam, falam uns com os outros, tentam convencer os colegas de trabalho, dentre outras coisas, entretanto, isso não quer dizer que esses sinais sejam todos acolhidos e que vínculos irão se formar. Com essa delimitação, o autor mostra que não podemos garantir que os fins da sinalização ativa sejam atingidos, afinal, quem controla a relação é o Outro, ele é quem decide se vai acolher o sinal ou não. O âmbito do acolhimento é delimitado por Marcondes Filho como o aspecto feminino da comunicação, que remete à abertura e à possibilidade de

recepção da emissão, um processo raro, pois diversas pessoas desejam falar, mas um número restrito deseja ouvir e acolher (Marcondes Filho, 2018, p. 88-89). Portanto, o feminino trata do aspecto qualitativo do acolhimento da sinalização, por consequência, o desdobramento dos afetos gerados por esse sinal em quem o acolhe é imprevisível e necessita de um tempo de incubação após a relação, para que o sujeito possa expressar se houve um processo informacional ou um acontecimento comunicacional.

Podemos notar que a preocupação de Marcondes Filho é expressar que nem toda ação social é uma sinalização ativa. Além disso, ele tira o papel do emissor como protagonista e coloca a alteridade, pois o Outro pode se colocar ou não à disposição de algo e formar uma relação, porque ele é quem controla o processo. Portanto, ao destacar a sinalização ativa, o autor mostra a sua preocupação com o aspecto pragmático da comunicação e delimita quais formas de sinalização não interessam ao estudioso da área³².

A partir dessa discussão, colocamos em articulação a sinalização ativa de Marcondes Filho e os gestos comunicacionais de Braga. Em nossa perspectiva, os conceitos podem dialogar desde que sejam mediados pelo invariável da comunicação e pela metodologia fenomenológica, nos valendo de suas proposições como impulsos para a elaboração da descrição do estrato da emissão do fenômeno da comunicação, um âmbito pragmático que aborda os modos de agir comunicativos. O estudo sobre o gesto comunicacional, proposto por Braga, nos abre uma perspectiva sobre como a individualidade projeta uma ação, lançando mão de recursos simbólicos generalizados para conseguir alcançar os seus objetivos e, além disso, permite observar como práticas dessa natureza podem se conservar, mesmo que momentaneamente, no tecido social caso sejam bem-sucedidas. Por outro lado, Marcondes Filho avança sobre a descrição desse e de outros gestos, entendendo-os como sinalização. Um dos autores foca no processo da ação e nos seus desdobramentos sociais objetivos, o outro se atém ao modo como a mensagem pode ser acolhida e estabelecer um vínculo potente, pois só a interação não garante nada. Braga investe sua energia nos modos pragmáticos em que a ação ocorre, mostrando a processualidade das práticas interacionais e como elas operam no cotidiano, investigando o objeto de modo amplo para verificar a produção de diversidade e a

³² Não é o nosso objetivo, neste texto, apresentar toda a arquitetura do projeto da Nova Teoria da Comunicação de Marcondes Filho, a qual nos dedicamos ao estudo desde 2015. Sugerimos uma leitura restrita a partir de um dos elementos que fundamentam o comunicacional em sua proposta, a sinalização ativa. Fizemos exposições sobre a sua teoria da comunicação em diversos espaços (publicamos mais de dez textos entre artigos em revistas, artigos em anais de congressos, capítulos de livro, monografia e tese), destacamos um de nossos trabalhos mais recentes: (Libanio, 2024a).

cristalização de certas práticas; enquanto Marcondes Filho apresenta os aspectos qualitativos da relação impulsionada por um sinal intencional de um ponto de vista fenomenológico, evidenciando como elas podem alterar as formas de ser e estar de um sujeito. Nesse sentido, podemos interpretar que Braga lança mão de uma abordagem macro sobre o processo e Marcondes Filho faz uma descrição do fenômeno em nível individual e subjetivo.

Os modos de estar no mundo, de interagir em sociedade, as descrições qualitativas da subjetividade, os aspectos ontológicos que caracterizam o fenômeno e as análises de espectro amplo das relações humanas são muito relevantes para a nossa área e uma não anula a outra, pelo contrário, as propostas se somam no desenvolvimento de uma leitura mais complexa da questão, gerando impulsos para um processo descritivo. O gesto comunicativo elucida como as emissões são produzidas intencionalmente e de que modo utilizam recursos sociais disponíveis para atingir seus objetivos. Destacamos que essas práticas são utilizadas para iniciação e manutenção do processo relacional, pois são importantes para resolver tensões e alterar a qualidade da relação, atenuando suas instabilidades, revelando gradientes. Por outro lado, o que acontece na relação também precisa ser explicitado, afinal, toda relação com a alteridade é comunicativa? Se sim, qualitativamente o que difere uma relação de outra? Então, parece fundamental estudar como ocorrem as interações humanas para entendermos outros aspectos do fenômeno da comunicação. Afinal, o processo da relação não totaliza o fenômeno, pois existem questões que se desdobram e merecem ser estudadas. Por exemplo, as experiências comunicacionais profundas, como o acontecimento, não podem ser resumidas aos encontros que as suscitaram, como mostrou Marcondes Filho³³, pois é necessário um monólogo interior após os afetos, uma incubação.

A partir do eixo invariável da comunicação, podemos dizer que o estabelecimento de um vínculo é o primeiro passo para ocorrer a comunicação. Porém, um dos sujeitos pode se deslocar durante o evento, por algum motivo pessoal, falta de persuasão ou interesse, por isso, descrever o que ocorre inicialmente, durante e após o estabelecimento do contato é fundamental para conseguirmos compreender, ao menos parcialmente, os múltiplos modos de ser da comunicação.

³³ Ressaltamos a contribuição da proposta de acontecimento comunicacional, de Marcondes Filho, que questiona a ideia de que toda relação ou mediação seja comunicativa, permitindo-nos ir além na descrição das formas possíveis de comunicação, ajudando-nos a encontrar horizontes de qualidades relacionais, que podem trazer uma visão mais profunda e ampla do fenômeno.

Ao observarmos as abordagens a partir do invariável da comunicação e do imperativo da justiça, sugerimos uma base para discutir questões ontológicas fundamentais. Primeiramente, podemos dizer que todo gesto comunicacional ou sinalização ativa passa pela mediação da justiça, pois ao agir comunicativamente indagamos: estou sendo justo com essa ação? Essa ação viola a integridade humana? Os seus possíveis efeitos serão totalitários? Com isso, cada ação que almeja uma comunicação, em sua raiz, passa por um imperativo moral³⁴. Cabe a nós avaliarmos como vamos empenhar nossas ações. Quando não levamos a moral em conta ou diminuimos sua relevância, podemos executar práticas que infrinjam a vida humana, somando forças a projetos de barbárie ao produzir ferramentas para o totalitarismo. Essa objeção também vale para as propostas teóricas. Portanto, tal imperativo moral seria a nossa contribuição ao agir comunicativo, dada a emergência de movimentos em nosso contexto comunicacional, social e político que, de algum modo, fomentam a radicalidade e a violência para minar as diferenças.

Braga traz contribuições ao dissertar sobre a cristalização dos processadores comunicacionais na sociedade. Interpretamos essa ideia como uma possibilidade de investigação sobre os modos de ação simbolicamente generalizados por indivíduos ou grupos sociais para facilitar o estabelecimento de relações. O estudo desses processadores, especialmente os cristalizados, pode ser vital para entendermos como funcionam as táticas de determinados grupos que tentam cooptar pessoas para formar comunidades em larga escala, afinal, tais práticas envolvem densos problemas éticos e morais que devem ser colocados em questão. Além disso, a ideia de gesto comunicacional pode ser interpretada como um modo de ser das ações que almejam a comunicação, assim como das atividades empenhadas durante o processo interativo, visando sua manutenção.

Marcondes Filho traz contribuições sobre a delimitação do sinal que interessa para a comunicação, a sinalização ativa, especificando no âmbito das ações humanas o elemento que é relevante à área. Outro aspecto relevante é a ideia de que o estabelecimento de um vínculo não garante a efetivação da comunicação, pois é necessário averiguar qualitativamente a relação para compreendermos, ao menos parcialmente, a sua ocorrência.

³⁴ Acreditamos que seja possível inferir, mesmo que Levinas não faça essa delimitação, que a justiça nos desperta para o âmbito da moral, configurando a passagem da ética à ontologia ao nos dirigir de modo peremptório à questão: devo ser justo para com este (Outro) ou para com aquele (terceiro)? Portanto, acreditamos que tal injuntivo reflexivo (distinto do imperativo dogmático) pode ser denominado de imperativo moral.

A partir das contribuições descritas, sugerimos que *a relação humana propiciada por uma emissão intencional pode ser considerada, de modo geral e abstrato, como comunicação*, pois no limite retrospectivo da questão a comunicação emerge de uma relação de abertura à alteridade. Esta consideração nos ajuda a delimitar o que é peculiar à comunicação em nível ontológico, *especificando o objeto da área*³⁵, algo fundamental em nossa empreitada.

Dada a discussão, podemos dizer que avançamos na fundamentação de como os indivíduos em determinados contextos, imprevisíveis e tensionais, agem para estabelecer uma relação comunicativa com o Outro. Além disso, argumentamos que os possíveis impactos dessa interação podem alterar qualitativamente a dinâmica relacional, reverberando em seus efeitos. Portanto, a nossa proposta leva em conta os problemas morais, os desdobramentos estéticos e as dinâmicas da linguagem na comunicação, pois os efeitos gerados no encontro revelam camadas fundamentais para compreendermos a qualidade do fenômeno.

Considerações finais

Em síntese, no que diz respeito ao estudo das ações humanas, nos interessa a emissão intencional ou o agir comunicativo, que remete à ação que intenciona uma relação. Com isso, delimitamos, ao menos parcialmente, tendo em vista as limitações de um artigo, *o que especifica a abordagem comunicacional em seu estrato pragmático e o objeto da área em seu sentido geral e dedutivo*. A partir desses pontos, temos um vasto campo para investigar a comunicação, observando seus impactos, sua densidade e suas variações em contextos relacionais, contribuindo para a ampliação da descrição das camadas que compõem o fenômeno. Nesse processo descritivo, apostamos que a *comunicabilidade*³⁶ é o elemento que revela as diferenças qualitativas entre distintas relações humanas, mostrando-se fundamental para a compreensão dos estratos do fenômeno. Portanto, não estamos fechando toda a

³⁵ Em suma, o objeto da comunicação é a *relação humana propiciada por uma emissão intencional*. Aqui, fixa-se o estrato ontológico que faz referência direta ao estrato que o precede e fundamenta: a relação com a alteridade. Por exemplo, a publicação de um artigo seria uma emissão intencional, o seu encontro com um indivíduo que se abre à experiência da leitura, efetiva a ocorrência da comunicação em sentido geral e dedutivo, demandando-nos uma avaliação fenomenológica da situação para compreendermos as suas características morais, estéticas, lógicas e semióticas.

³⁶ Abordamos a questão na página três do artigo, a comunicabilidade remete à alteridade como elemento vital, propulsor da diferença, que garante a revelação do novo na comunicação. Justamente por ser oriunda do estranho, do estrangeiro, a comunicação apresenta nuances e múltiplas formas de efetivação no mundo. Pretendemos avançar sobre a questão no texto sobre o eixo metodológico dos prolegômenos.

comunicação na emissão, apenas ressaltamos neste trabalho a sua dimensão no horizonte do fenômeno, como um dos fatores de iniciação e manutenção relacional.

Referências

BRAGA, José Luiz. O desafio da interação humana e os processadores comunicacionais.

Revista E-Compós, Brasília, v. 26, p. 1-17, jan./dez. 2023. <https://doi.org/10.30962/ec.2784>

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas e Conferências de Paris**: de acordo com o texto de Husserliana I. Edição: Stephan Strasser. Tradução: Pedro M. S. Alves. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

KANT, Immanuel. **Prolegómenos a Toda a Metafísica Futura**: que queira apresentar-se como ciência. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2020.

LEVINAS, Emmanuel. **De Dieu qui vient a l'idée**. Segunda edição revisada e aumentada. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1986.

LEVINAS, Emmanuel. **Autrement qu'être ou au-delà de l'essence**. 6. ed. Paris: Le Livre de Poche, 2008.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalité et infini**: essai sur l'extériorité. Paris: Le Livre de Poche, 2010.

LEVINAS, Emmanuel. **Humanisme de l'autre homme**. Paris: Le Livre de Poche, 2021.

LIBANIO, Deodato. O fim da comunicação? Em busca do horizonte do comunicacional. **Revista Novos Olhares**, São Paulo, v. 10, n. 02, pp. 183-195, jul./dez., 2021.

LIBANIO, Deodato. A recepção de Emmanuel Levinas na área de comunicação no brasil e o problema do especificamente comunicacional. In: Anais do 32º Encontro Anual da Compós, 2023, São Paulo. **Anais eletrônicos...**, Galoá, 2023. Disponível em:

<<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/a-recepcao-de-emmanuel-levinas-na-area-de-comunicacao-no-brasil-e-o-problema-do?lang=pt-br>>. Acesso em: 25 fev. 2026.

LIBANIO, Deodato. **Prolegômenos para teorias da comunicação futuras**: uma análise do quadro das teorias brasileiras contemporâneas da comunicação a partir da questão da alteridade. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024a. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.27.2024.tde-27012025-120905>.

LIBANIO, Deodato. A retidão do diálogo: sobre a importância de Martin Buber na fundamentação da ética de Emmanuel Levinas como filosofia primeira. **Revista Enunciação**, Seropédica, v. 9, n. 1, p. 228-252, jan./jun. 2024b.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O escavador de silêncios**: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação. v. 2. São Paulo: Paulus, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O princípio da razão durante**. O conceito de comunicação e a epistemologia metapórica: Nova Teoria da Comunicação III. t. 5. São Paulo: Paulus, 2010.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicologia ou mediologia?** A fundação de um campo científico da comunicação. São Paulo: Paulus, 2018.

Dados de Autoria

Deodato Rafael Nunes Libanio

E-mail: libaniodeodato@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3031-1806>

Instituição: Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

Minibiografia: Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Universidade de São Paulo (PPGMPA-USP). Graduado em Comunicação Social-Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Membro da Diretoria Científica do Centro Brasileiro de Estudos Levinasianos (Cebel). Em estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo (PPG-Fil USP).

Dados do artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese:

O artigo é resultado do projeto de pesquisa “A fundamentação da subjetividade no projeto fenomenológico de Emmanuel Levinas”, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo.

Fontes de financiamento:

Não se aplica.

Apresentação anterior:

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais:

As discussões realizadas neste trabalho são frutos do amadurecimento da experiência de defesa, que produziu um salto criativo e qualitativo em nosso projeto, um acontecimento comunicacional, diria Ciro Marcondes Filho, a quem dedico este trabalho. O surgimento dos prolegômenos devém da Nova Teoria da comunicação, uma proposta incontornável à área, a qual eu terei dívida e gratidão infinitas. Agradecemos aos membros da banca: Mauro Wilton de Sousa (presidente); José Luiz Braga; Danielle Naves de Oliveira; Luiz Signates; e Marcus Sacrini. Agradeço as contribuições de Diélcio Moreira, Marcus Sacrini Ayres Ferraz, Danielle de Oliveira, Luiz Signates e José Luiz Braga, sem os quais não teria avançado em minhas proposições. Além disso, agradeço o trabalho cuidadoso da comissão editorial da Revista E-Compós que foi fundamental para a produção da versão final do artigo, que está mais madura, por conta do desenvolvimento de pontos do texto que não constavam na proposta inicial, que surgiram do diálogo com os pareceristas.

Dados sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Não.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Não.

Liste os financiadores da pesquisa:

Sem financiamento externo.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Sem financiamento externo.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculos deste tipo.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculos deste tipo.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não.

Que interferências foram detectadas?

Nenhum efeito inesperado do tipo foi detectado.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo

Não há conflitos de interesse.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo

seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?
Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?
Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?
Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?
Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

Na versão anônima submetida, foram suprimidos dados que poderiam fornecer meios de identificação da autoria do texto.